

## Luiz Gonzaga da sanfona para baixo

Tentei encontrar uma personalidade da música no Brasil que tivesse a densidade e a grandeza artística, inventiva e de conjugação simbólica comparável a de Luiz Gonzaga (1912 – 1989). Na busca desse "tão grande quanto" consegui no máximo chegar ao maestro Heitor Villa-Lobos (1887 – 1959), por conta da sua fabulosa obra de mineração e ressignificação da música popular e indígena, na construção de identificações do caráter estético da brasilidade.

Cheguei a pensar também se Tom Jobim (1927 – 1994), como uma expressão carioca de alcance internacional, não se aproximaria à figura lendária do velho Lua. Não, não deu, Luiz Gonzaga é um ícone que não tem paralelo no País. E foi com esse espírito de reverência que fui assistir ao filme *Gonzaga, de Pai para Filho* (Conspiração, 2012), do diretor brasileiro Breno Silveira, com exibição simultânea em vários cinemas de Fortaleza.

Reconheço que não foi uma boa ter criado a expectativa de que veria um filme à altura desse grande artista, no ano em que se comemora o seu centenário de nascimento. O que encontrei no cinema foi a repetição da fórmula esquemática utilizada pelo diretor no longa *2 filhos de Francisco* (Conspiração, 2005), que conta as dificuldades passadas pela dupla sertaneja Zezé Di Camargo & Luciano até chegar ao sucesso massificado. *Gonzaga, de Pai para Filho* é, por conseguinte, Luiz Gonzaga medido da sanfona para baixo.

Essa linha de drama entre a sensação de impotência e a superação, envolvendo artistas famosos, com boa fotografia e roteiro convencional, alimenta esperanças de ascensão social e geralmente rende boa bilheteria. Na sala escura deparei-me com um filme focado nas idiosincrasias que marcaram a relação de contendas e apegos de desequilíbrio recíproco entre o *Rei do Baião* e seu filho Gonzaguinha (1945-1991), compositor e cantor de grande e reconhecida qualidade artística.

A condução das cenas direcionadas para a relação difícil e turbulenta de atração e rejeição, a ferver nas controvertidas motivações familiares dos protagonistas, exalta um realismo aflitivo nos encontros de Gonzagão e Gonzaguinha, mostrando ao público que muitos dos atritos que as pessoas comuns vivem em casa acontecem também com seus ídolos. Esse clichê da imperfeição acaba sendo bem aceito por levar a plateia a pensar a que ponto pode chegar um artista genial em sua vida ordinária.

A semelhança dos atores com os protagonistas reforça a intenção de verdade da narrativa. O elenco é muito bom. A atuação de Chambinho do Adorcion, sanfoneiro descendente de piauienses, que faz Luiz Gonzaga, e de Júlio Andrade, músico e ator gaúcho, que interpreta Gonzaguinha, é de muito valor. Eles expressam fisicamente o que se passa na mente dos personagens, transferindo ao público a intensidade do que estão representando.

Talvez a semelhança dos atores com os personagens reais tenha atizado mais ainda o meu desejo de ver um filme grandioso e isso pode ter comprometido a leitura que fiz daquela projeção cinematográfica. O estereótipo emotivo que trata do vínculo conturbado entre pai e filho me pareceu inclinado a dizer que Gonzagão teria entrado em decadência porque se tornara um velho anuente aos militares, enquanto Gonzaguinha criticava a ditadura, podendo assim inverter o poder de amparo na relação dos dois, com o novo salvando o velho, o samba salvando o baião e o frágil garoto urbano salvando o vigoroso senhor rural. Não é à toa que o filme começa com baião e termina com samba.

Talvez não seja desnecessário argumentar que a saída de Luiz Gonzaga e do baião da linha de frente dos palcos não foi uma questão específica dele e da sua criação, mas de um contexto em que a música do interior foi posta à margem dos interesses de modernidade nacional, idealizada

pelo presidente Juscelino Kubitschek (1902 – 1976). Ainda na suposição de que alguns acréscimos podem ajudar na compreensão do que não está explicitado no filme, é conveniente dizer que Luiz Gonzaga costumava contar que passara a usar chapéu de couro e gibão desde o dia em que se sentiu nu diante de um artista gaúcho que usava bombacha, colete e lenço. Foi quando resolveu cantar a própria história, deixando de lado o cancionero internacional de boleros, valsas e tangos com os quais tentava ganhar a vida no Rio de Janeiro.

Embora tenso, o filme de Breno Silveira tem momentos de agradável descontração e de bom humor. A cena do ensaio dentro de um riacho, que Gonzaga faz com dois novos companheiros de turnê – um alto e outro anão – alivia a plateia dos diálogos arduos que percorrem as conexões nevrálgicas da união de pai e filho. A opção do diretor de reduzir a história de Luiz Gonzaga aos aspectos conflituosos da sua relação com Gonzaguinha, pode causar uma certa insatisfação, enquanto peça de revisão histórica, mas é um trabalho de boa construção dramática, que vale a pena ser visto. Luiz Gonzaga é um ícone necessário e inescapável para quem busca o que o Brasil produz de bom e de melhor.

As curiosidades da relação oscilante entre a ruptura e a aproximação de Gonzagão e Gonzaguinha merecem ser do conhecimento público. E o cinema é um meio excepcional para isso. *Gonzaga, de Pai para Filho*, segura a atenção do público mais no filho em sua busca pela figura paterna, do que no personagem que assumiu como seu, o filho da cantora e dançarina Odaléia Guedes dos Santos, mulher que conheceu na noite carioca e com quem viveu por alguns anos, evitando que Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior não tivesse nome de pai em sua carteira de identidade, embora isso tenha passado a ser um incômodo e uma irritação constante em sua vida.

Quando Luiz Gonzaga casou com uma fã, que virou sua secretária, por diversas vezes procurou convencê-la a aceitar Gonzaguinha como filho, mas não teve êxito em suas tentativas. Helena passou a ser uma barreira na aproximação dos dois, a despeito de ter sido ela quem solicitou o apoio de Gonzaguinha, então um artista bem sucedido, ao Gonzagão que se encontrava recolhido em Exu (PE). Essa atitude teria levado o filho a procurar o pai em um encontro interessante que, felizmente, resultou em conciliação. O filme afirma que Gonzaguinha teria se interessado em cuidar da obra do pai, mas morreu precocemente em um acidente de carro, pouco tempo depois. O certo é que neste ano de 2012, em pleno centenário do maior artista da música brasileira, seu recanto-museu continua em situação precária.

O filme mostra um Luiz Gonzaga gente do mesmo povo que ele cantou; alguém que sonhava com um filho doutor e por isso pressionava Gonzaguinha a se formar. E bancou os estudos do filho, que fez faculdade de economia, mas acabou mesmo virando compositor e cantor. Mais do que dinheiro para os estudos, Gonzaguinha queria do pai afeto e carinho. Ressentia-se disso e, apesar de associados por um mesmo nome, pai e filho viveram em permanente desavença e rota de colisão. Esses conflitos inscritos no corpo e na alma nos fazem chorar e até a nos convencer de que o tamanho do que significa Luiz Gonzaga não cabe em um único filme.

Aquela vontade de ver um filme sobre Luiz Gonzaga, com abordagem inclinada ao mundo socialmente assimétrico e culturalmente pujante que ele sintetizou em sua arte, com a qual cheguei ao cinema, foi convencida pela narrativa de que é muito importante esse recorte de apresentação do gênio como uma pessoa comum. Foi pensando nisso que tempos atrás o próprio Nelson Mandela resolveu declarar para o mundo que ele não é nenhum santo. A afirmação das fraquezas e dos defeitos tira um peso das costas dos ídolos, trazendo-os para o cotidiano. Seja como for, é impossível não admirar Luiz Gonzaga!